

O USO DAS REDES SOCIAIS COMO FORMA DE APERFEIÇOAMENTO DA LEITURA E DA ESCRITA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Ingrid Ramos Pimenta¹
Arlene da Fonseca Figueira²

RESUMO:

*O presente artigo procura analisar o uso das redes sociais no processo de ensino-aprendizagem, bem como na prática pedagógica em geral. Além disso, intenta desmitificar a ideia de que a internet afeta negativamente a escrita e a leitura de alunos, buscando transmitir a importância da internet e das mídias sociais no contexto educacional de jovens estudantes. Através de uma pesquisa quantitativa, é chegada a conclusão de que as mídias sociais podem ser ferramentas auxiliaadoras no fazer docente, isso porque a cibercultura já se encontra plenamente difundida entre estes alunos fora das escolas e com esses recursos disponíveis em sala de aula, a metodologia dos professores e a interação dos alunos se tornariam muito mais amplas. O referido trabalho fará uso de alguns referenciais teóricos, tais como: *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*, de Maria Teresa de Assunção Freitas e Sérgio Roberto Costa (2011); *Letramento digital - Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*, de Ana Elisa Ribeiro e Carla Viana Coscarelli (2005).*

PALAVRA CHAVE: Educação; Redes sociais; Alunos; Leitura e escrita.

¹ Graduanda em Letras – Português/Inglês pelas Faculdades Integradas Campo-grandenses. ingridpimenta02@gmail.com

² Professora Doutora da Faculdades Integradas Campo-grandenses. arlene@feuc.br

ABSTRACT:

*This article aims to analyze the use of social medias in the teaching-learning process, as well as in a pedagogical practice. Besides, it attempts to demystify the idea that the internet causes a negative effect when writing and reading, seeking to convey the importance of the internet and social media in the pedagogical context of students. Through a quantitative research, the conclusion is that social media can be, indeed, auxiliary tools for teachers, inasmuch as the cyberspace is already widespread among these students outside this educational context, and with those resources available in the classrooms, the teacher's methodology and the student's interaction would become much broader. This work will apply some theoretical references, such as: *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*, by Maria Teresa de Assunção Freitas and Sérgio Roberto Costa (2011); *Letramento digital - Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*, by Ana Elisa Ribeiro and Carla Viana Cosca-relli (2005).*

KEYWORD: *Education; Social media; Students; Reading and writing.*

Introdução

Quando a época das mídias sociais foi principiada, houve diversos relatos de pesquisadores de que o uso excessivo dessas mídias – tais como *Orkut*, *Twitter*, *MySpace*, e etc. – era prejudicial à vida acadêmica de jovens estudantes, sobretudo para alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental e para os do Ensino Médio, principalmente, se tratando de leitura e produção de texto desses alunos. Isso entrou em evidência devido ao famoso “*internetês*”, que é um neologismo criado para designar a linguagem utilizada no âmbito virtual, ou seja, aquela linguagem não formal, com abreviações excessivas e, inclusive, com substituições de algumas letras por outras.

Com o passar do tempo e com outras pesquisas em voga, a ideia inicial de que as redes sociais eram prejudiciais aos estudantes foi substituída pelo exato oposto, isto é, o âmbito virtual se tornou muito mais uma ferramenta positiva e de auxílio dos estudantes do que prejudicial. Mesmo com o “*internetês*”, os alunos conseguem distinguir quando usar uma linguagem (formal) e quando usar a outra (não formal). Além disso, os alunos utilizam a *internet* para escrever em *blogs*, por exemplo, e também leem muitos artigos de seu interesse, o que automaticamente estimula sua leitura e escrita.

Com o propósito de entender as opiniões de quem está inserido diretamente no contexto ao qual esse trabalho está voltado – ou seja, os alunos –, foi feita uma pesquisa de campo utilizando um formulário online do *Google Forms*, o qual foi encaminhado através de um *link* por mensagens eletrônicas nas mídias sociais *Facebook* e *Whatsapp* para diversos alunos dos ensinos Fundamental II e Médio, solicitando suas participações no questionário. Conforme os alunos iam respondendo ao questionário, era possível fazer o acompanhamento de suas respostas na plataforma *Google Forms*. Com a pesquisa devidamente analisada, obteve-se através de gráficos e planilhas a conclusão de que as mídias sociais podem sim funcionar como ferramentas auxiliaadoras no contexto educacional.

Diante do exposto, é importante esclarecer, ainda, que a ideia central do artigo não é generalizar o conceito de que as redes sociais somente auxiliam e não atrapalham, mas sim entender que da mesma forma que existe a queda no desempenho escolar diante da linguagem utilizada no âmbito virtual, também existe a melhora significativa de uma

grande porcentagem dessa população, quando constatado que dá para utilizar ambas as linguagens, cada uma em seu contexto; e mais do que isso, quando entendemos que a *internet* é uma ferramenta auxiliadora quase indispensável nos dias atuais.

Como referencial teórico, são utilizados: *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*, de Maria Teresa de Assunção Freitas e Sérgio Roberto Costa (2011); *Letramento digital - Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*, de Ana Elisa Ribeiro e Carla Viana Coscarelli (2005); *A utilização das Redes Sociais na Educação*, de Eder Maia Lorenzo (2013).

1. Escrita e leitura na era digital

A leitura e a escrita ganharam uma nova concepção depois que a *internet* passou a se tornar predominantemente ativa no dia a dia dos jovens. Apesar das discussões sobre o uso da *internet* e da tecnologia atrapalhar o aprendizado de estudantes, é importante ressaltar que o uso das mídias sociais, ao contrário do que se pensa, pode trazer muitos benefícios relacionados ao ensino de jovens estudantes. Para Freitas e Costa (2011, p.16):

A leitura não é mais linear e se converte agora em um outro termo: navegar. Enquanto manuseamos um livro, viramos sequencialmente suas páginas. O hipertexto informatizado nos dá condições de atingir milhares de dobras imagináveis atrás de uma palavra ou ícone, uma infinidade de possibilidades de ação, muitos caminhos para navegar. O leitor em tela é mais ativo que o leitor em papel.

Talvez o escrever como antigamente, por meio de cartas, por exemplo, esteja realmente escasso, mas o que pensar quanto ao que digitamos diariamente em nosso computador e/ou *smartphone*? Não seria esse um ato muito mais recorrente do que o que utilizávamos no passado? Não estaríamos nos expressando ainda mais do que fazíamos através de cartas? “São questões que se nos apresentam e, diante delas e dos avanços mais recentes da *Internet*, não podemos ter uma visão pessimista” (FREITAS E COSTA, 2011, p. 15). É necessário “deixar a técnica pensar em mim ao invés de debruçar-me sobre ela

e criticá-la”. Assim, não podemos construir um ponto de vista sobre ela, mas é necessário que nos coloquemos abertos a possíveis mudanças sob o efeito do novo objeto. (LÉVY, 1998, p. 6). Como analisa, ainda, Albuquerque (2017, p. 11) será que, só porque as pessoas não estão utilizando tantos livros (para leitura) e nem mandando cartas, isso quer dizer que elas deixaram de ler ou de escrever?

Nas épocas passadas, não há como negar, a leitura de livros era um categórico meio de entretenimento, se não o maior deles. Hoje, talvez, não tenhamos mais tantos leitores de livros físicos assíduos como antigamente, mas será que não encontramos outro meio de ler tanto quanto – ou até mais do que – os nossos antepassados? Do momento que pegamos o nosso *smartphone* na mão até o momento em que o deixamos de lado, estamos lendo alguma coisa, mesmo que uma imagem. No *Facebook*, por exemplo, lemos todos os tipos de coisa que se pode imaginar: notícias, piadas, o cotidiano das pessoas, propagandas, informações, poesias, histórias, mensagens, textos motivacionais e tantas outras. Como bem afirma Freitas e Costa (2011, p.15):

O saber oral e os gêneros de conhecimento fundados sobre a escrita ainda existem e irão continuar existindo sempre. E a Internet não estaria integrando hoje, de uma maneira nova, oralidade e escrita? Uma outra relação com o texto e com a escrita não estaria sendo possibilitada pela Internet?

1.1. Letramento digital

Para falarmos sobre *cibercultura* e em como as redes sociais podem auxiliar na leitura e na escrita de indivíduos, é necessário entender do que se trata o letramento digital. Mas antes de adentrar nessa parcela, compreender o que é o *ciberespaço* e a *cibercultura* também se faz indispensável nesse contexto. Portanto, *ciberespaço* (o que também conhecemos por rede) é um meio de comunicação que surgiu com a interconexão mundial de computadores. (LÉVY, 1999, p. 17). Em relação à *cibercultura*, Lévy (1999, p. 17) afirma que é “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do *ciberespaço*.”. Tudo isso significa que o prefixo “*ciber*” está ligado diretamente ao ambiente virtual.

Freitas e Costa (2011, p. 20), ao definirem *ciberespaço*, apontam que é uma “esfera

social de comunicação viva da ‘oralidade’ feita de maneira mais complicada e mais complexa, cujas mensagens potenciais podem ser lidas/escritas em várias direções”. Isso nos leva a compreender onde o letramento digital se encaixa nessa coletividade. Para tal entendimento, faz-se necessário uma racionalização interna em relação ao assunto abordado, ou seja, abrir a sua mente e tentar entender que a *cibercultura* pode ser muito interessante ao ser utilizada dentro de sala de aula como um recurso didático.

É o novo espaço cibernético interativo "invadido" por crianças e adolescentes, que passam horas e horas frente à tela do computador, divertem-se com jogos, desenhos, editam textos e, mais do que tudo, navegam na Internet lendo e, principalmente, escrevendo. São formas de leitura e escrita com características próprias e específicas. (FREITAS E COSTA, 2011, p. 20).

Após breve observação citada, letramento digital é, portanto, segundo Coscarelli e Ribeiro (2005, p. 9), o nome que se dá à ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita em ambiente digital (tanto para ler quanto para escrever). Para tanto, um conceito mais elaborado e especificado faz-se conveniente:

Compreende-se letramento digital como uma nova prática de inserção das tecnologias digitais no fazer docente, a fim de que o universo cibernético esteja presente na escola propiciando aos alunos outras fontes de informações diversas, facilitando e simplificando o trabalho cotidiano do professor, inovando na apresentação dos conteúdos de forma mais dinâmica, interativa e próxima das diversas práticas sociais. (CABRAL; RODRIGUES, 2016, p. 495).

Diante do exposto, é evidente que não há de ser uma tarefa fácil, pedagogicamente falando, a inserção dessas tecnologias para dentro das salas de aula. Isso porque a educação e os métodos de ensino estão há muito tempo engessados e precisando de uma renovação imediata. Para tal, é fundamental que os educadores aprendam, entendam, e queiram letrar digitalmente uma nova geração de estudantes. Os novos alunos estão inseridos, mesmo sem querer, muito profundamente nessa era *cibercultural*, ou seja, estão em uma constante progressão junto com essas tecnologias. Mas para que isso aconteça, é imprescindível que as instituições de ensino adentrem com as tecnologias nas escolas e, progressivamente, nas salas de aula, mesmo que aos poucos, para que a mudança seja possível de fato e para que alunos e professores sejam beneficiados com essa modernização.

1.2. Rede

Segundo Castells (2002, p. 566), “rede é um conjunto de nós interconectados. [...] são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação”.

Em relação à Tomaél (2005), os termos empregados para conceituar e denominar as redes são variados, mas alguns deles seriam: serviços cooperativos, parcerias, compartilhamento e consórcio. A literatura ora os aborda como sinônimos, ora destaca algumas peculiaridades que justificam uma distinção entre esses termos. De todo modo, a autora considera como rede todos os termos citados anteriormente, visto que sua aplicação, seus objetivos e suas funções estão sempre relacionados ao desenvolvimento de uma atividade que deve proporcionar benefícios comuns aos seus integrantes. A autora ainda cita que:

O tema rede está sendo abordado pela literatura em todas as suas facetas. A Internet é uma dessas redes que está sendo ponto focal de estudos e inserção na vida cotidiana das pessoas, há quase uma década. No âmbito empresarial as redes de organizações, que buscam inovação, competências e ampliação de mercado, também têm seu espaço. Mas o momento parece ser das redes sociais – redes de relacionamento – as quais, apesar de serem estudadas desde a década de 1970, agora estão sendo consideradas como recurso estratégico organizacional. (TOMAÉL, 2005, p. 3).

Vieira (1994, p. 29) define rede como “[...] um conjunto de sistemas de informação e/ou comunicação – descentralizados, intercomunicantes, formados por unidades funcionais independentes, com serviços e funções inter-relacionados – cuja interação é presidida por acordos de cooperação e adoção de normas comuns.”.

Já para Enne (2004, p. 264), “o conceito de rede tem sido muito empregado para definir as novas formas de socialização”. Ela cita, ainda, que “uma rede seria, portanto, uma construção social de relações de grandezas distintas, mas que possibilitariam o contato entre os diversos elementos que iriam gerar sua composição (por exemplo, parentesco, vizinhança, laços políticos, dentre outros).” (p. 265).

1.3. Redes sociais

As redes sociais não surgiram com a tecnologia, como grande parte da sociedade contemporânea pensa. O termo rede social é um termo antigo que tem como significado a criação de um relacionamento com outras pessoas, sempre compartilhando objetivos em comum, e, assim, formando suas próprias comunidades, as quais um conjunto de pessoas pertence ao mesmo grupo social. Isso significa que não é necessário estar conectado à *internet* para fazer parte de uma rede social. Franco (2008, p. 43) diz que: “[...] a rigor, a rede social existe desde sempre, ou seja, desde que existem seres humanos se constituindo como tais na relação com outros seres humanos. Ou seja, a rede social é o que propriamente se chama de social.”.

O que conhecemos hoje sobre rede social está totalmente ligado à *internet* e ao âmbito midiático. Porém, a proposta dessa rede virtual é a mesma da citada no tópico acima apresentado: interação entre pessoas com afinidades e propósitos comuns. O *Facebook*, por exemplo, é considerado um tipo de rede social por exercer exatamente o papel anteriormente descrito, além de permitir a conexão com outras pessoas, também fornece funções como compartilhamento de conteúdos, publicidade através de anúncios, criação de grupos/comunidades, *chats*, etc. De acordo com Franco (2008, p. 43):

A sociedade não está se constituindo como uma sociedade-rede apenas agora. Toda vez que sociedades humanas não são invadidas por padrões de organização hierárquicos ou piramidais e por modos de regulação autocráticos, elas se estruturam como redes. O que ocorre, atualmente, é que a convergência de fatores tecnológicos [...], políticos, econômicos e sociais está possibilitando a conexão em tempo real (quer dizer, sem distância) entre o local e o global e, assim, está tornando mais visível a rede social e os fenômenos a ela associados, ao mesmo tempo em que está acelerando e potencializando os seus efeitos.

É importante ressaltar, ainda, a diferença entre redes sociais e mídias sociais. Para Torres (2009, p. 113 e 114) há uma distinção importante entre mídias sociais e redes sociais. Dessa forma, o autor refere-se às mídias sociais como o conjunto de todos os tipos e formas de mídias colaborativas. Nessa classificação, engloba sites como *YouTube*, *Twitter*, *Facebook*, *Wikipedia*, *Flickr* e até mesmo os *blogs*. Já em relação às redes sociais, ele alega que são recursos que permitem a interação e troca de informações entre pessoas.

As mídias sociais são sites na Internet que permitem a criação e o compartilhamento de informações e conteúdos pelas pessoas e para as pessoas, nas quais o consumidor é ao mesmo tempo produtor e consumidor

da informação. Elas recebem esse nome porque são sociais, ou seja, são livres e abertas à colaboração e interação de todos, e porque são mídias, ou seja, meios de transmissão de informações e conteúdo. (TORRES, 2009, p. 113).

Recuero (2009, p. 24) define redes sociais como a soma de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais). No que concerne às mídias sociais, Torres (2009, p. 113) sustenta, ainda, que em geral elas carregam diversas ferramentas de relacionamento – por serem colaborativas e sociais –, e isso faz com que as pessoas se conheçam, troquem mensagens e criem grupos e comunidades, dessa forma organizando tribos relacionadas a interesses comuns. Além disso, – por serem mídias – transmitem informações e conteúdo abertos ao público, que podem ler, ouvir ou ver o conteúdo gerado e interagir com as pessoas que o criaram.

1.4. Redes sociais no contexto educacional

As redes sociais, como *Facebook* e *Whatsapp*, bem como os *blogs*, são táticas muito importantes a serem utilizadas como plataformas na educação, em um ponto de vista pedagógico. Apesar de ainda serem bastante hostilizadas e rejeitadas no meio formal por muitas vezes fazer com que a escrita se torne informal e não condizente com a gramática normativa, as mídias sociais são, na verdade, uma forma de interação e aprendizado entre seus usuários, possibilitando, assim, uma gama de conteúdo a ser difundida e internalizada em cada indivíduo. Tudo isso faz com que os sistemas de informação estejam sempre mais aprimorados, bem como seus conteúdos mais refinados.

Mesmo estando cada vez mais presente no dia a dia das pessoas, a *internet* ainda é um tabu quando se trata de ser inserida na educação em instituições de ensino. Isso porque seu uso em sala de aula é um procedimento proibido, sendo habitualmente justificado por não haver aproveitamento pedagógico nessa prática. O que não está sendo difundido de forma coerente é o quanto a *internet* e as redes sociais auxiliam de forma positiva os professores e até mesmo os alunos, quando utilizadas para fins educacionais. Ou seja, utilizando *blogs* para escrever diariamente – e conseqüentemente melhorar a escrita cada vez mais –, manuseando as mídias sociais, como o *Facebook*, por exemplo, para ler informações cotidianas ou textos compartilhados nessa plataforma, melhorando, assim, a leitura; ou mesmo conquistando conhecimento através de novas culturas e

aprendizados que as mídias oferecem. Garcia (2002, p. 4) declara:

[...] O trabalho em equipe e a internet oferecem uma das mais excitantes e efetivas formas para capacitar os estudantes ao processo colaborativo e cooperativo e, ainda, desenvolver a habilidade de comunicação. Aprendizagem colaborativa é muito mais significativa quando os estudantes podem trabalhar com alunos de outras culturas, podendo entender e perceber novas e diferentes visões de mundo, ampliando, assim, seu conhecimento.

Garcia (2002, p. 3) afirma, ainda, que “as escolas estão caminhando de forma muito lenta quando comparadas aos outros setores sociais”. Essa constatação confirma que muitas – possivelmente a maioria – das escolas ainda se prendem ao modelo tradicional de ensino e isso acarreta aos seus alunos determinados métodos de ensino ainda muito estáticos e inflexíveis, mesmo sabendo que esses alunos já estão inseridos no meio virtual em outros ambientes e realidades. Moran (2013, p. 9 e 10) aponta que escolas não conectadas são escolas incompletas e que alunos sem acesso contínuo às redes digitais estão excluídos de uma parte importante da aprendizagem atual, como o acesso às informações variadas, pesquisas rápidas, bibliotecas digitais, participação em comunidades de interesse, debates e até mesmo de publicações que podem ser feita *online*, entre variadas outras ofertas de serviços digitais. Para Coscarelli e Ribeiro (2005, p. 28):

Podemos e devemos usar o computador como meio de comunicação, como fonte de informação, que ajudará os alunos a responder suas perguntas, a levantar novos questionamentos, a desenvolver projetos e a confeccionar diversos produtos. Será que algum aluno brasileiro deve ser privado desse mundo de dados? Não estariam contribuindo para a exclusão aqueles professores que acreditam que informática não é realidade dos nossos alunos?

A *internet* hoje, mesmo com toda rejeição reprimida por algumas perspectivas tradicionais, já é vista como um ambiente de interação, a qual engloba incontáveis linguagens e estímulos. Torna-se, assim, notável certa imposição pedagógica e até mesmo social, para que a *internet* e suas tecnologias (como as próprias mídias sociais, *blogs* e mesmo *e-mails*) façam parte do ensino e das práticas pedagógicas, efetivamente. Essa prática só se torna possível com obstinação e racionalidade para aceitar e entender que a tecnologia chegou para ser usufruída e que se utilizada de forma adequada, acarretará inúmeros benefícios para todos os lados possíveis. Além do ensino-aprendizagem se tornar cada vez mais interessante e menos extenuante para alunos e professores, também se tornaria útil e muito mais interativo, se tornando uma importante ferramenta em sala

de aula. Segundo Garcia (2002, p. 5 e 6):

Mediante esta tecnologia, o aluno sairá de seu isolamento, enriquecendo seu conhecimento de forma individual ou grupal. Poderá fazer perguntas, manifestar idéias e opiniões, fazer uma leitura de mundo mais global, assumir a palavra, confrontar idéias e pensamentos e, definitivamente, a sala de aula não ficará mais confinada a quatro paredes. Isto quer dizer que o uso desta tecnologia poderá criar uma nova dinâmica pedagógica interativa, que se inserida num projeto pedagógico sólido, sem dúvida, contribuirá e muito para a formação moderna dos alunos.

Mesmo que a grandeza das redes sociais seja evidenciada todos os dias através de inúmeras pesquisas, ainda existem muitas opiniões que submetem as escolas a não as utilizarem em sala de aula, como o receio da desqualificação da educação tradicional advinda de pais e mesmo de professores. Porém, a proibição da utilização dos recursos dessas redes sociais em sala de aula não se faz correta e muito menos é uma solução conveniente já que alunos têm acesso a essas redes fora desse ambiente e se sentem motivados ao ter a possibilidade de utilizar dessa ferramenta em sala de aula.

Com a utilização de um espaço de colaboração, como redes sociais, o professor por sua vez terá a oportunidade de verificar aspectos muitas vezes difíceis de serem identificados em uma sala de aula, como a capacidade de elaborar textos, melhoria do desenvolvimento na escrita, a pesquisa sobre um assunto, a apresentação de uma opinião e o debate entre os alunos. (LORENZO, 2013, p.30).

Para que o docente e o aluno encontrem oportunidades abrangentes de aprendizagem dentro das escolas, é necessário que se promova o acesso ao ambiente virtual, Além disso, este recurso deve ser adotado e difundido nas escolas. Essa ferramenta possibilita a quem as utiliza uma “formação do senso crítico, diante das diversidades da vida contemporânea” (CABRAL; RODRIGUES, 2016, p. 494). De forma isolada e por si só, o computador não vai modificar a concepção de aprendizagem das escolas, uma vez que ele pode ser usado para lidar com diversas situações. Isso pode ser uma grande vantagem de se utilizar o computador em sala de aula: cada momento da situação de aprendizagem requer uma estratégia diferente. (COSCARELLI; RIBEIRO, 2005, p. 27).

A escola precisa encarar seu papel, não mais apenas de transmissora de saber, mas de ambiente de construção do conhecimento. Os alunos precisam saber aprender, saber onde encontrar as informações de que precisam e ter autonomia para lidar com essas informações, avaliando, questionando e aplicando aquelas que julgarem úteis e pertinentes. Para isso é preciso que

a escola abra mão de um conteúdo ou uma "matéria" rigidamente predeterminada, e seja capaz de administrar a flexibilidade exigida daqueles que querem adotar uma postura de construção de conhecimento. (COSCARELLI; RIBEIRO, 2005, p. 32)

Não dá para negar que é difícil abandonar algumas crenças antigas, principalmente o jeito padronizado e, digamos, engessado de ministrar aulas de alguns professores, mas é importante entender que tudo isso deixa de ser um empecilho e passa a ser uma possibilidade quando novos métodos e ferramentas são utilizados e com esses novos recursos é possível perceber que o ensino evolui, se tornando muito mais interativo, prazeroso, rápido e satisfatório tanto para professores quanto para alunos. Com isso, todo o processo de ensino-aprendizagem melhora, a modernidade acontece e a escola evolui como um todo.

2. Análise dos dados

O presente estudo baseia-se em uma pesquisa quantitativa, em um total de 101 entrevistados, estudantes dos ensinos Fundamental II e Médio, com idades entre 10 e 23 anos.

A pesquisa de campo foi realizada através do *Google Forms* – que é um formulário *online* – com o intuito de coletar e organizar as informações obtidas, uma vez que essa ferramenta dispõe de gráficos e planilhas com todas as respostas e resultados devidamente organizados em uma apresentação de dados dentro da estrutura *Google*.

Após a elaboração e construção das perguntas, um *link* foi criado para que o questionário pudesse ser repassado para outras pessoas e respondido por elas. Assim, utilizando as plataformas *Facebook* e *Whatsapp*, foram encaminhadas mensagens eletrônicas para diversos alunos dos ensinos Fundamental II e Médio (tanto das redes públicas quanto das particulares), solicitando suas participações e, logo após, apresentando o *link* em questão para a referida pesquisa. Em seguida, conforme os alunos respondiam ao questionário, foi possível fazer o acompanhamento das respostas na plataforma *Google Forms* e, assim, realizar a análise dos dados obtidos.

Nesse formulário havia dezoito perguntas, sendo dezesseis delas de múltipla escolha e apenas duas discursivas. Os dados coletados trazem as opiniões de quem está inserido diretamente no contexto até aqui abordado, ou seja, dos alunos. Esses dados demonstram o que de fato esses alunos pensam acerca das redes sociais e o processo de ensino-aprendizagem inserido no *ciberespaço*. Além disso, através destas respostas, também é possível ratificar como os alunos utilizam as mídias sociais para ler e escrever de maneira muito mais recorrente do que fariam fora dessas mídias, por exemplo. Isso faz com que o aluno esteja exposto ao que todo professor tenta inserir no cotidiano desses alunos durante toda a fase escolar: leitura e escrita diárias.

Na pesquisa prática deste estudo, através da aplicação do questionário acima especificado, difundido através das mídias sociais *Facebook* e *Whatsapp*, observou-se que:

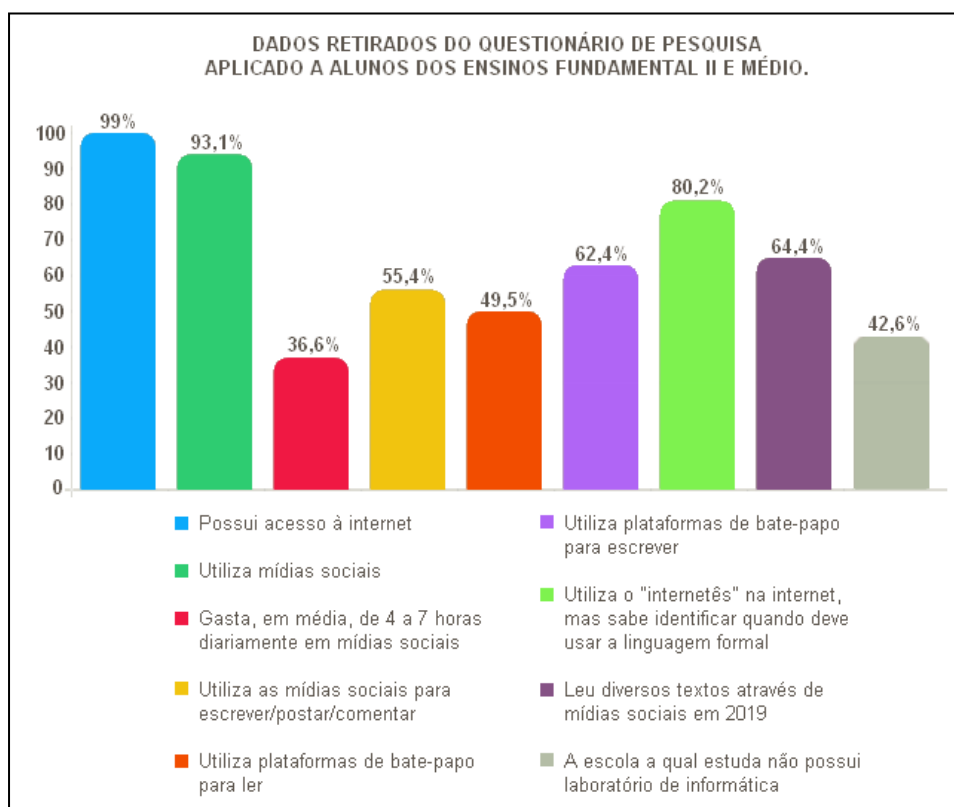


Figura 1

- 99% dos entrevistados responderam possuir acesso à internet.
- Desses, 93,1% disseram que utilizam mídias sociais.

- 80,2% dos entrevistados disseram utilizar a linguagem informal conhecida como “*internetês*” quando utilizam as mídias sociais, mas afirmam saber identificar quando devem usar a linguagem formal.
- 64,4% responderam que leram muitos textos através de mídias sociais no ano vigente (2019).
- 62,4% utilizam plataformas de bate-papo (como *Whatsapp* e/ou *Facebook Messenger*) para escrever.
- 55,4% dos entrevistados disseram que utilizam as mídias sociais *Facebook* e *Instagram* para escrever legendas em suas fotos, comentar em fotos de amigos e responder comentários.
- 49,5% utilizam plataformas de bate-papo (como *Whatsapp* e/ou *Facebook Messenger*) para ler.
- 42,6% dos entrevistados disseram que na escola onde estudam não possui laboratório de informática. Essa porcentagem corresponde a 43 pessoas. Dessas, 31 afirmam estudar em escola pública enquanto apenas 12 dizem estudar em escola particular.
- 36,6% acreditam gastar, em média, entre 4 e 7 horas por dia utilizando redes sociais na *internet*.

Dos 101 entrevistados, 99% disseram ter acesso à internet no seu dia a dia, enquanto apenas 1% (o que corresponde a apenas uma pessoa) disse não ter esse acesso. Dentre eles, 36,6% passam de 4 a 7 horas, em média, utilizando mídias sociais diariamente, enquanto 24,8% acreditam utilizar as mídias sociais entre 8 e 15 horas diárias, ao passo que 12,9% utilizam de 2 a 3 horas, 11,9% utilizam de 1 a 2 horas todos os dias e os outros 13,8% utilizam menos de uma hora, não souberam informar ou afirmam utilizar o dia inteiro, nessa última, apenas duas pessoas. De todos os entrevistados, nenhuma pessoa escolheu a opção “não utilizo mídias sociais”.

Os números para escrita (em legendas, comentários e respostas a amigos) nas mídias *Facebook* e/ou *Instagram* divergem um pouco: 56 entrevistados afirmaram que escrevem nessas mídias de vez em quando, mas não sempre. Outros 30 disseram que escrevem sempre, todos os dias. Apenas 9 disseram que não escrevem, comentam e nem respondem nada em suas mídias sociais, ao passo que as últimas 5 pessoas disseram não

utilizar essas mídias sociais.

Contudo, todos os entrevistados informaram que utilizam (outras) redes sociais, que acessam a internet todos os dias e que utilizam a *internet* para outras finalidades (como trabalhos, pesquisas, ler notícias...), ou seja, eles estão lendo e escrevendo mesmo que inconscientemente.

Além dos dados demonstrados acima, havia no questionário perguntas discursivas, uma delas era “*Apresente duas palavras que traduzam a sua opinião acerca das mídias sociais*”. Nessa pergunta obtiveram-se as mais variadas respostas, portanto, para que fosse possível distribuir os dados de maneira mais exata possível sem ter que dispor de todas as diferentes respostas obtidas aqui, optou-se por classificar os resultados em opiniões favoráveis e desfavoráveis. A distribuição se deu da seguinte forma:

- Opiniões favoráveis – 76 (75,2%);
- Opiniões desfavoráveis – 17 (16,8%);
- Outras³ – 8 (7,9%).

Os dados coletados e expostos acima evidenciam que 76 dos 101 alunos que responderam ao questionário têm opiniões favoráveis quanto às mídias sociais, assim como aponta o gráfico abaixo:

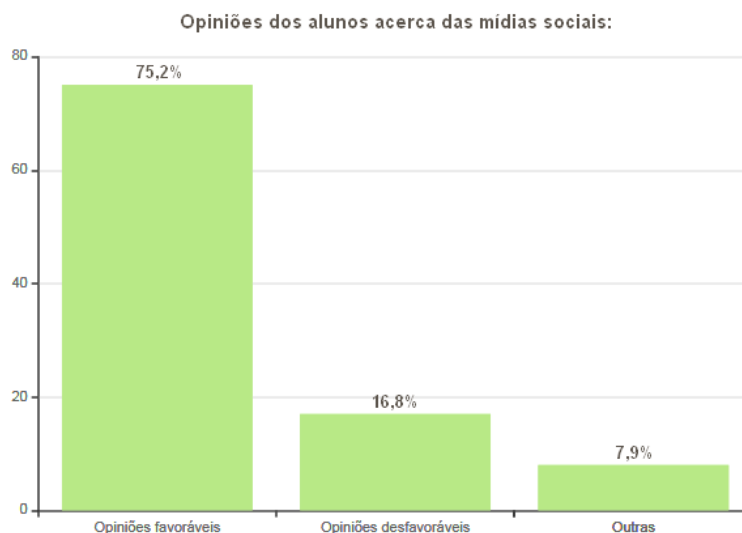


Figura 2

³ Entende-se por “outras”, respostas sem contextualização, incompletas e/ou ininteligíveis.

Como exemplos de opiniões favoráveis a respeito das mídias sociais, algumas das respostas que mais se destacaram foram:

- *Necessária e auxiliar;*
- *Indispensável e acessível;*
- *Boa e essencial;*
- *Moderno e interessante;*
- *Comunicação e entretenimento;*
- *Conhecimento e aprendizado.*

Como exemplos de opiniões desfavoráveis a respeito das mídias sociais, algumas das respostas que mais se destacaram foram:

- *Manipulação social e perda de tempo;*
- *Preconceituosa e manipuladora;*
- *Desperdício de tempo;*
- *Integra e segrega;*
- *Evolução e destruição.*

A partir das opiniões dos alunos aqui descritas, as mídias sociais são vistas, pela maioria dos alunos, como uma ferramenta favorável e útil no dia a dia deles. Apesar de uma menor parte desses alunos acharem que as mídias sociais não acrescentam em (possivelmente) nada na rotina deles, é importante atentar que as opiniões que tomamos são parte de uma pequena parcela do nosso pensamento. Isso significa que, por algum motivo, o aluno enxerga as mídias sociais como um tipo de malefício, mas, se perguntado de forma diferente, com mais exemplos característicos, por mais insatisfatório que ele ache as mídias sociais, ele provavelmente entenderia o intuito da pesquisa e poderia ter mais de uma opinião acerca da pergunta. Isso vale para todas as opiniões, inclusive as favoráveis.

Outra pergunta discursiva acerca do uso das mídias sociais foi “*Você acredita que seria interessante utilizar as mídias sociais como recurso pedagógico nas salas de aula? Por quê?*”. A resposta para essa pergunta requeria uma prévia resposta de “sim” ou “não”

e, em seguida, uma explicação do motivo da escolha.

Seguindo a mesma linha de raciocínio da questão anterior, as respostas foram classificadas em opiniões favoráveis e desfavoráveis:

- Opiniões favoráveis – 87 (86,1%);
- Opiniões desfavoráveis – 11 (10,8%);
- Outras – 3 (2,9%).

Os dados coletados e expostos acima evidenciam que 87 dos 101 alunos que responderam ao questionário têm opiniões favoráveis quanto ao uso das mídias sociais como recurso pedagógico, assim como aponta o gráfico abaixo:

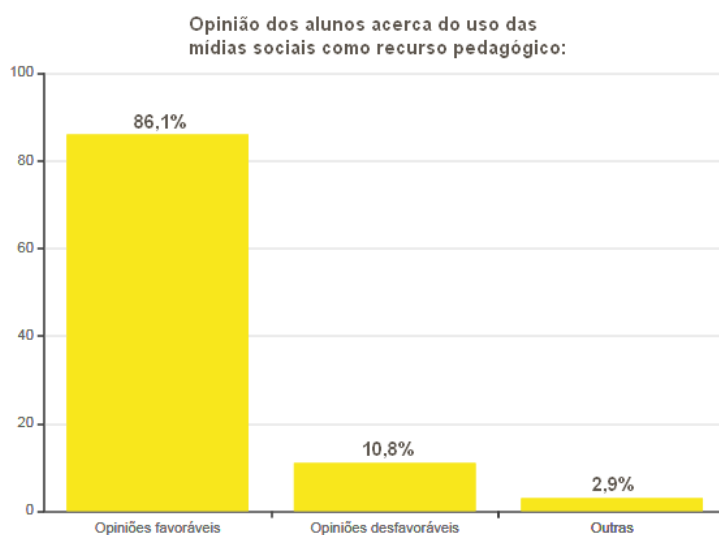


Figura 3

Como exemplos de opiniões favoráveis dos alunos a respeito do uso das mídias sociais como um recurso pedagógico algumas das respostas que mais se destacaram foram:

- *Sim, pois isso faria com que os alunos não perdessem o interesse nas aulas, podendo aumentar seus rendimentos;*
- *Sim, porque seria uma atividade diferente e interessante para os alunos discutirem sobre os assuntos, através daquilo que os jovens mais usam: as mídias sociais;*
- *Sim, seria interessante principalmente em aulas de sociologia para debatermos como as pessoas se comportam na internet e também ficariam mais interessantes as*

aulas, sair dos livros e ver o que realmente acontece atualmente na sociedade;

- Sim, é uma ferramenta fácil e rápida. Economizaria tempo e daria tempo dos alunos aprenderem muito mais;

- Sim, tem muita coisa que pode ser discutida em sala de aula. Principalmente para desenvolver o senso crítico;

- Sim, assim como são encontradas diversas coisas inúteis nas redes, também são encontradas diversas informações que podem ser discutidas em sala de aula para aprimorar o conhecimento;

- Sim, porque acredito que o ensino tradicional tenha se desgastado conforme os anos, e os alunos por muitas vezes têm se mostrado saturados deste;

Como exemplos de opiniões desfavoráveis a respeito do uso das mídias sociais como recurso pedagógico, algumas das respostas que mais se destacaram foram:

- Não, pelo motivo das palavras informais, ou seja, isso pode prejudicar o aprendizado;

- Não, porque a sociedade jovem ainda não está disciplinada a utilizar o recurso;

- Não muito, porque algumas pessoas iriam só usar o telefone pra isso;

- Não, pois iria retirar a atenção dos alunos;

- Não, pois usando as redes sociais na escola, os alunos perderiam completamente o foco no mais importante que é a aula.

É importante ratificar que o objetivo dessa pesquisa não é incentivar o uso do celular e/ou das mídias sociais dentro de sala de aula para alunos usarem livremente, e sim utilizar os *recursos* que as mídias sociais podem oferecer ao âmbito educacional. Portanto, é notório que alguns alunos entenderam a pergunta de forma errônea considerando que era para utilizar o aparelho celular dentro de sala de aula livremente, quando na verdade a intenção é utilizar as mídias sociais com total supervisão, apenas para os recursos anteriormente descritos e sem que os alunos façam isso todos juntos.

É pertinente destacar, ainda, que havia uma descrição logo abaixo da pergunta do questionário dando exemplos de como funcionaria a utilização desses recursos pedagógicos dentro de sala de aula (através de utilização de textos advindos do *Facebook*,

por exemplo).

De todo modo, a diferença entre opiniões favoráveis e desfavoráveis foi muito grande e, a partir das diversas outras respostas que se obteve no questionário, mesmo com alguns erros de interpretação, fica muito claro que a maioria dos alunos acham interessante a inserção de recursos pedagógicos advindos das mídias sociais em sala de aula, o que sugere um *feedback* positivo para que as escolas possam começar a inserir, mesmo que aos poucos, essas ferramentas auxiliaadoras.

Considerações Finais

É necessário entender que não é só a leitura de livros físicos e clássicos que fará do aluno uma pessoa inteligente e pensante, assim como não é só escrever dissertações estupendas em provas como o ENEM, por exemplo, para que esse aluno se torne brilhante e racional. Todos esses mínimos detalhes do dia a dia são importantes, desde escrever um bilhete para a mãe quando for sair de casa ou ler uma receita de bolo que vem escrita na embalagem do leite condensado, até saber escrever uma tese de doutorado ou ler *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

Todo tipo de escrita e leitura são bem vindos, sempre. Tudo agrega valor em algum momento nas nossas vidas, mesmo que não percebamos ou que achemos que alguns métodos de aprendizado são medíocres. Nosso maior aprendizado vem através da nossa vivência de mundo.

As mídias sociais, quando devidamente utilizadas, podem ser grandes auxiliaadoras no processo pedagógico de uma escola. Não precisamos enxergar as mídias sociais como vilãs, precisamos utilizá-las a nosso favor, fazendo uso de textos compartilhados no *Facebook* em sala de aula, por exemplo, ou de retirar de *memes*⁴ alguma situação que possa ser discutida entre alunos e professores e até mesmo estimular o senso crítico dos

⁴ *meme* é um expressão utilizada no âmbito virtual e se refere a alguma informação que se espalhou rapidamente entre usuários da *internet* e que alcançou bastante popularidade em pouco tempo.

alunos através de informações retiradas das redes. Os benefícios de se utilizar as mais diversas mídias sociais são muitos, basta introduzi-las no meio formal através da inserção das tecnologias digitais nas práticas pedagógicas, ou seja, através do letramento digital.

Mudanças tornaram-se necessárias com a realidade dos novos tempos. No período em que vivemos é importante entender que a inovação das escolas faz-se fundamental atualmente e que a inserção das ferramentas midiáticas nas instituições de ensino é indispensável, mesmo que utilizadas em laboratórios de informática (o que, segundo a análise dos dados obtida no questionário demonstrado acima, mostrou que 42,6% dos alunos que responderam não têm laboratório de informática em suas escolas e os alunos que disseram ter laboratórios de informática – 33,7% – afirmam praticamente não utilizar o espaço) ou até nas próprias salas de aula através de computadores/*laptops* específicos para essa prática ou mesmo com os *smartphones*.

Através dessa pesquisa, torna-se perceptível, também, como a utilização das redes sociais em âmbito midiático pode ser mediadora no processo de crescimento e desenvolvimento nos métodos de ensino-aprendizagem nas escolas. Isso porque, por intermédio do *ciberespaço* e da *cibercultura*, conseguimos trazer novas formas de interação e conectividade com professores e alunos através de diversos métodos, tais como: o desenvolvimento da habilidade de comunicação, a percepção de diferentes visões de mundo, a elaboração de projetos, o enriquecimento do conhecimento, as manifestações de ideias e opiniões, o confronto de pensamentos, a interação pedagógica, e tantos outros métodos benéficos.

Diante de tais colocações, a necessidade de professores e da escola em inserirem a tecnologia nas instituições de ensino mostra-se cada vez mais palpável devido aos recorrentes avanços tecnológicos e da necessidade de mudança nas escolas. É importante que o âmbito pedagógico esteja atento e preparado para retirar as ferramentas que não trazem mais mudanças positivas nas práticas pedagógicas e apossar-se de ferramentas que podem efetivamente melhorar a escola e o processo de ensino e aprendizagem, tais como os recursos advindos das mídias sociais.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Raquel Padilha. **A leitura e a escrita na era digital**. 2017. 26 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras Português)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/18809>>. Acesso em: 13 de maio de 2019.

CABRAL, Zuleica Aparecida; RODRIGUES, Caroline Vieira. **Tecnologia e Sala de Aula: a Formação Docente em Foco**. *Rev. Ensino, Educação e Ciências Humanas*, Londrina, v. 17, n.esp. Selitec 15/16, p.491-500, 2016. Disponível em: <<http://revista.pgsskroton.com.br/index.php/ensino/article/view/4551/3499>>. Acesso em: 13 de maio de 2019.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. Vol. 1. 6ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. Disponível em: <<https://globalizacaoeintegracaoregionalufabc.files.wordpress.com/2014/10/castells-m-a-sociedade-em-rede.pdf>>. Acesso em: 12 de maio de 2019.

COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. **Letramento digital: Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2005.

ENNE, Ana Lúcia. **Conceito de rede e as sociedades contemporâneas**. *Comunicação e Informação*, V7, nº 2, 2004. Disponível em <http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2011/06/pdf_865a419051_0017178.pdf>. Acesso em: 12 de maio de 2019.

FRANCO, Augusto. **Escola de Redes: Novas visões sobre a sociedade, o desenvolvimento, a internet, a política e o mundo glocalizado**. Curitiba: Saturnos Assessoria em Comunicação Social S/C Ltda, 2008.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto (org.). **Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola**. 3ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

GARCIA, Paulo Sérgio. **A Internet como nova mídia na educação**. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EAD/NOVAMIDIA.PDF>. Acesso em: 11 de maio de 2019.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: O Futuro do Pensamento na Era da Informática**. Rio de Janeiro, 1998. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2015/03/LEVY-Pierre-1998-Tecnologias-da-Intelig%C3%Aancia.pdf>>. Acesso em: 13 de maio de 2019.

_____. **Cibercultura**. 1ª. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

LORENZO, Eder Maia. **A Utilização das Redes Sociais na Educação**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Clube de Autores, 2013.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 9ª. ed. São Paulo: Brasiliense S.A., 1988.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. 2ª. ed. Campinas: Papyrus, 2007.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

TOMAÉL, Maria Inês. **Redes de informação: o ponto de contato dos serviços e unidades de informação no Brasil**. Londrina, v. 10, n. 1/2, 2005. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1611/1366>>. Acesso em: 12 de maio de 2019.

TORRES, Cláudio. **A Bíblia do marketing digital: tudo o que você queria saber sobre marketing e publicidade na internet e não tinha a quem perguntar.** São Paulo: Novatec Editora, 2009.

VIEIRA, Anna da Soledade. **Redes de ICT e a participação brasileira.** Brasília: IBICT, 1994. Disponível em: <<http://livroaberto.ibict.br/handle/1/437>>. Acesso em: 12 de maio de 2019.